

Lectoescritura: eventos de literacidad en preescolar

Alfabetização: eventos de alfabetização pré-escolar

Mercedes Aideé Torres Velázquez

Instituto Superior de Ciencias de la Educación del Estado de México, México

aidee20000924@hotmail.com

Resumen

El presente trabajo surge de una investigación de posgrado acerca de una serie de actividades de lectoescritura llevadas a cabo por niños de tercer año de nivel preescolar con el fin de iniciar o consolidar su alfabetización. Dichas actividades fueron elaboradas a partir de las características que, según Piaget, poseen los niños en esta etapa pre-operatoria. Dadas las características de los niños que aún no leen ni escriben de manera convencional se llevaron a cabo eventos de lectura y escritura propicios para ellos, dando lugar a un uso social peculiar de la lectoescritura y a la literacidad en preescolar. Esta última se asume como el uso social de la lectoescritura en un determinado contexto y dentro de una *comunidad de práctica*.

Palabras clave: lectoescritura, literacidad en preescolar, niños preescolares, comunidades de práctica.

Resumo

Este artigo resulta de uma pesquisa de pós-graduação de uma série de atividades de alfabetização realizados por crianças de terceiro ano pré-escolar, a fim de iniciar ou reforçar a sua alfabetização. Estas atividades foram retiradas dos recursos, de acordo com Piaget, ter filhos na fase pré-operatória. Eles dadas as características das crianças que ainda não ler ou escrever convencionalmente realizada leitura e escrita eventos propícias para eles, resultando em um uso social peculiar de alfabetização e letramento na pré-escola. Este último assume-se como o uso social da leitura e escrita em um determinado contexto e dentro de uma comunidade de prática.

Palavras-chave: alfabetização, letramento na pré-escola, crianças pré-escolares, comunidades de prática.

Fecha Recepción: Agosto 2015 **Fecha Aceptación:** Enero 2016

Introdução

Este artigo discute as categorias de alfabetização e letramento. Alguns autores considerados sinônimos, mas outros são diferentes a este respeito; por exemplo, Ferreiro (1997: 25) afirma que, na América Latina, ao contrário dos Estados Unidos, a leitura e a escrita são induzidas conjuntamente ou simultaneamente. A forma de alfabetizar, por isso, usamos o termo "alfabetização" e estados dissociar a visão de ambas as atividades é inerente ao ensino da escrita como uma técnica de transcrição. Kalman (2004, p.49) assume que a "alfabetização" é a prática de leitura e escrita de alfabetização.

Enquanto isso, Zavala, Child-Murcia e Ames (2004, p. 10) afirmam que para preencher a lacuna semântica da alfabetização termo em castelhano a palavra alfabetização é usada como uma tecnologia que está sempre embutido em processos sociais e discursivos, e representando advogado que exerça o que os programas não só na escola, mas em qualquer contexto sociocultural. Também destaca que a alfabetização evita cair em repetições, porque quando falamos de alfabetização queremos dizer leitura e escrita. Enquanto se trata de processos diferentes, ambos estão intimamente ligados e constituem parte da experiência do advogado.

Heat (2004), Barton e Hamilton (2004), Kalman (2004), entre outros, para levar a alfabetização como formas ou usos sociais feitas de leitura e escrita em um contexto específico. Para este artigo, o produto de um trabalho de pesquisa, é reconhecida a alfabetização como processo de alfabetização é feito com crianças pré-escolares e de alfabetização como o uso social da leitura e escrita em contextos específicos, por exemplo, pré-escolar, onde a pesquisa foi conduzida.

Deve-se notar que o foco da investigação referida, era saber como os educadores de infância - localizado na zona rural no Estado do México considerado o contexto sociocultural de crianças que frequentam o pré-escolar ao terceiro grau mais perto do leitura e escrita. Como parte da

pesquisa de produto, foi concluído tanto documental e de campo que ao nível pré-escolar, há uma espécie de alfabetização, que é enquadrado por as características das crianças que frequentam o terceiro grau desse nível de ensino (na aparência cognitivas) e alfabetização actividades desenvolvidas por educadores para alfabetização. Ou seja, de acordo com Jean Piaget, que estão em fase de pré-operatório, mas também alguns outros estão iniciar e consolidar o seu processo de alfabetização formal.

Neste artigo serão abordados em primeiro lugar, o quadro teórico de Jean Piaget para descrever as características das crianças que frequentam grau disse.

Alfabetização posteriormente ser analisado como um objeto conceitual que construir pré-escolares. De acordo com diferentes autores que partilharam as suas propostas sobre a alfabetização, as crianças testemunhar várias práticas em que eles já são capazes de usar a palavra escrita como língua ferramenta social, e observar inúmeras experiências que lhes permitam formular hipóteses que depois são corrigidos ou corroborando graças à sua interação com o já alfabetizados.

Na próxima parte deste artigo uma análise de alfabetização e pré-escolares de alfabetização categorias é feito, especificando práticas sociais que os promovem. Reconhece-se que as práticas relacionadas à pré-escola língua escrita difere de outros ambientes sociais. As características das crianças pré-escolares que estão iniciando no processo de alfabetização ou possivelmente consolidando-lo, promover tais práticas são peculiares. De acordo com as observações feitas por Zabala et al. (2004, p. 8), a tecnologia e alfabetização são usados forma idiossincrática, pois dependendo dos contextos sociais e culturais onde se recriam, pré-escolar apresenta um espaço social diferente. Por exemplo, Hernandez, Garcia e Moreno (2012, p. 468) se refere à alfabetização acadêmica na Universidade Autónoma Metropolitana (UAM) Cuajimalpa, que é um ambiente onde assuntos já são alfabetizados e espera-se não só para desenvolver um pensamento crítico, mas também ser capaz de juntar-se ao discurso acadêmico da instituição. De acordo com o cenário, os indivíduos que interagem e interesses, existem diferentes tipos de alfabetização. É por isso que falamos de alfabetização no pré-escolar.

comunidades categoria de prática também é mencionado, que é reconhecido como um ambiente ou ambiente social onde se realizam no campo da pré-escola e em diferentes espaços, práticas que têm a ver com a alfabetização na pré-escola.

Finalmente, como parte da alfabetização e de acordo com Heath (2004), as categorias de eventos de leitura e escrita ocorrem. A partir da posição de diferentes autores, tanto analisar e concepções sobre estas surgem para incentivar na alfabetização das crianças, entendendo este termo, de acordo com Kalman (2004) e Hernandez (2005), como um processo em que crianças, jovens ou adultos, alfabetização uso ou ferramentas de alfabetização que lhes permitam funcionar em diferentes contextos sociais, para se comunicar ou resolver qualquer situação que surja.

Pré-escolares na fase pré-operatória

As crianças que frequentam o terceiro ano do pré-escolar e cujas idades variam de quatro a cerca de seis anos, são metade do estágio Jean Piaget chamado de pré-operatório: cerca de 2 a 6 anos começam representações mentais, ou seja, os objetos podem ser substituídos por algo que os representa: desenhos ou linguagem oral que já começou e está consolidada nesta fase. A criança pode representar objetos nomeando-os, atraindo-os ou reconhecê-los em imagens, sem tê-los fisicamente; Também inicia o jogo simbólico (assumindo personagens que representam o jogo, por exemplo, ser um médico ou o pai criança doente). Eles ocorrem as primeiras manifestações das operações do pensamento lógico-matemático caracterizada por reversibilidade: objetos ou substâncias pode retornar ao seu estado original. Nesta fase, o jogo tem um muito importante para o desenvolvimento do lugar a expressão oral; e eles podem evocar ou representar objetos ausentes, seja através de desenhos ou imagens, também as crianças gostam de assumir papéis ou funções representativas quando jogam. Este período é caracterizado pela formação de símbolos e sinais representativos como os utilizados na linguagem escrita que começa a conhecer. A linguagem oral é favorecida nesta fase, começa com o discurso egocêntrico, então ele tem o lugar social em que através de perguntas que você quer informações sobre o que você sabe ou tentar entender. Constantemente questionar: por que é, por que é tão? Também visa o reconhecimento dos outros e gosta de vir e celebrar suas conquistas (cf. Piaget 1969/2008, pp 18-25; .. 1972/1980, pp 17-18 ;. Piaget e Inhelder, 1969/2007, pp. 97, 131).

Quando Piaget classificadas as fases de desenvolvimento em etapas e de acordo com as idades estabelecidas para cada um, ele disse que eles são apenas aproximações de acordo com os comportamentos mais recorrentes ou repetitivos que apresentaram as crianças estudadas. Ou seja, uma criança de menos de dois anos, pode começar muito antes que a idade de se comunicar

verbalmente, ou um em cada cinco podem resolver problemas complexos como fazem as crianças que já estão na terceira fase para executar operações específicas.

A criança começa a mostrar mais avançado em idade precoce, ou vice-versa, ou permanecer por muito tempo em um estágio sem ser capaz de passar para a próxima embora você é mais velho do que o fixado na classificação possui um atitudes estágio, depende da sua processos de maturação, que são diferentes para cada criança e dependem de sua percepção do tempo que interagiu com o objeto do conhecimento e as oportunidades que tem proporcionado o contexto social em que se insere. Piaget mencionado estes e outros fatores, tais como interações estimulantes que têm a ver com o carinho da mãe e interligação ocorreu por causa de seu caráter e a criança (Piaget e Inhelder, 1969/2007, p. 37) .

A percepção de que o sujeito tem o objeto, de acordo com Piaget, depende da maturidade de cada indivíduo. Portanto, para ele actividades perceptivas desenvolver-se naturalmente com a idade, e número como: "um nove ou dez anos recebem referências e endereços (coordenado da Percepção) despercebidos para cinco a seis anos, melhor irá explorar as figuras, antecipam mais, etc. "(Piaget e Inhelder, 1969/2007, p. 44).

Ele também alertou sobre o equilíbrio que deve ser protegido, especialmente quando você quer acelerar o desenvolvimento das crianças por se envolver em actividades impróprias para a sua idade ou ao tentar aprender o conhecimento para a qual o seu intelecto ainda não está pronto por causa de sua tenra idade:

Eu não acho que tenho vantagem tentativa de acelerar o desenvolvimento da criança acima de determinados limites. O saldo leva tempo e que o tempo que dispensa cada um em sua própria maneira. Demasiada aceleração corre o risco de romper o equilíbrio. O ideal da educação não é ensinar o máximo, maximizar os resultados, mas acima de tudo aprender a aprender; ensina-se a desenvolver e ensinar este desenvolvimento continue depois da escola (Piaget, 1972/1980, p. 37).

Para os educadores, é muito importante saber como eles evoluem crianças, estágios de desenvolvimento, os fatores envolvidos para fazer isso acontecer e problemas que dificultam. Isso vai ajudar a intervir de forma mais assertiva na intenção de promover a aprendizagem dos alunos. Da mesma forma, esta informação ajuda a orientar os pais que insistem em acelerar os processos de crianças. No nível pré-escolar é muito comum que os educadores são pressionados

pelos pais para filhos a ler e escrever, independentemente de suas estruturas mentais já tem maturidade suficiente para assimilar conhecimentos.

Alfabetização, construção de um conceitual de objetos pré-escolares

práticas tradicionais de alfabetização para crianças que começam a sua escolaridade foram enquadrados no uso de métodos analítico-sintético, como onomatopoeic, silábica, caminhões, entre outros. O objetivo desses métodos voltados para as crianças a aprender os sons das letras ou sílabas e, em seguida, formar palavras. Não importa se a palavra não tinha sentido ou significado para eles, por exemplo: mima, tubulação, punho, boob, ele foi escrito declarações em que cada palavra foram formados pela razão consoante para a aprendizagem: "Isso em si asea urso" ou "mãe mima Memo".

Nas décadas de oitenta e noventa, pesquisadores (Ferreiro e Teberosky, 1979; Ferreiro, 1997, 1999/2004 (coord), 1989/2007 ;. Gomez Villarreal Lopez Gonzalez, Adame, 1997) feitas no nosso país e contribuições para a América Latina sobre a nocividade dos métodos descritos. Eles serão avisados por suas publicações académicas ou produções que estes métodos foram utilizados para as crianças a ter um papel passivo para os textos, pois dificilmente compreendido o seu conteúdo, jogando o papel ou função de decodificadores escrito.

Eles propuseram a mudar o paradigma: que o assunto estava a aprender a partir de um papel passivo, agora um assunto foi capaz de construir a sua aprendizagem a partir de um papel ativo em seu objeto de conhecimento: a língua escrita. Os autores supracitados estudou as propostas de Vygotsky, Piaget, Ausubel, entre outros, com respeito a como as crianças aprendem, bem como fatores internos e externos que influenciam a construção de seu conhecimento.

Com base nas propostas construtivistas, e Teberosky Ferreiro (1979); Gomez et al. (1997), entre outros, disseram que as crianças seguem um processo de desenvolvimento similar e, portanto, foi possível observar que, ao aprender sobre a linguagem escrita, muitas vezes têm concepções semelhantes, embora o seu ritmo evolutivo é diferente. Eles reconheceram que os psicólogos e educadores talentosos sentiu que a leitura ea escrita de aprendizagem não pode ser reduzido a um conjunto de técnicas perceptivo-motoras ou "irão" ou "motivação" pensando que seria uma aquisição conceitual:

... Sabemos agora que essa visão tradicional não só simplifica o problema, mas deforma: Código de aprendizagem correlação gráfico-fonética é apenas um aspecto da renda à cultura jurídica. Aprender a ler e escrever é muito mais do que isso: é a construção de um novo objeto conceitual (língua escrita) e entre outros intercâmbios linguísticos e culturais. Ou para colocá-lo em belos termos de Claude Hagège (1985): A língua escrita não é uma linguagem oral transcrita: é fenômeno novo linguística e cultural (Ferreiro, 1999/2004, p. 77).

A língua escrita é um objeto conceitual que foi construído em um processo histórico, social e cultural. As crianças aprendem que -o fazer dela e aprender com ele, é um meio para adquirir conhecimento, graças às oportunidades que lhes dá contexto. Face aos acontecimentos de leitura e escrita testemunha crianças, eles constroem ideias sobre o que é lido e escrito, estabelecem hipótese do que é eo que ele diz que cada texto escrito. Ferreiro e criado em Teberosky 1979:

... vamos deixar escrever, ainda que em um sistema diferente de sistema alfabético; vamos deixar escrever, não para o seu próprio sistema idiossincrática é inventado, mas assim que você pode descobrir que o seu sistema não é nossa, e para encontrar razões válidas para substituir as suas próprias hipóteses para o nosso (Ferreiro y Teberosky, 1976, en Ferreiro y Teberosky, 1979, p. 352).

Pensando que as crianças aprendem os sons das grafias como primeira atividade para a alfabetização, irá facilitar este processo; É a conceber como uma transcrição código escrito, o que é necessário para aprender a aprender técnicas são decifradas idioma. Então, se você sabe como decifrar e decodificar será mais fácil de ler e escrever. Esta ideia é altamente prejudicial e enganador, alertam Ferreiro y Teberosky:

Foucambert Isso torna a chave de decodificação para todos os males da introdução escola para leitura; não hesita em dizer que "descriptografia é fácil ... quando você pode ler", mas que "o uso de descriptografia como um meio para entender uma palavra escrita coloca a criança em posição de falhar"; e ele conclui enfaticamente que descriptografia "é uma armadilha, um presente ... e envenenou sua perspectiva de decodificação não é uma atividade de leitura" (Ferreiro y Teberosky, 1976, en Ferreiro y Teberosky, 1979, p. 351).

Não é nosso objetivo propor métodos de ensino para a aprendizagem da linguagem escrita. Os argumentos apresentados na leitura do espaço e da escrita, conceitual pré-escolares objeto de construção, destinam-se a mostrar os argumentos teóricos de especialistas no ensino de alfabetização, que sugeriu a mudança com base na tradução de códigos ou paradigma relacionamento sons com letras e considerá-lo um processo de alfabetização. Isso é porque ele está convencido de que a língua escrita é aprendido na mesma maneira que você aprender a falar. Isto é, quando somos confrontados com um bebê que apenas balbuciar, falamos e não estamos pensando que não nos entendem. Nem nós dizer "aprender hoje todas as palavras que começam com 's' ou 't'." É claro que não fazer isso. É por meio da interação que as crianças têm com os adultos, que adquire, neste caso, a linguagem verbal. Com ele desenvolve a sua formação de conceitos, que se transforma em pensamentos; por sua vez, comunica suas ideias através da palavra. Porque a linguagem é social, é também cultural; É aprendido e utilizado em atos ou eventos de comunicação.

Alfabetização, uso social da alfabetização em comunidades de prática

A leitura ea escrita são caracterizados pelo seu uso social, uma vez que ambos surgem e jogar nos espaços sociais. As formas em que essas ferramentas são usadas em vários contextos sociais e culturais, são chamados de alfabetização. Barton e Hamilton (2004) menciona que um primeiro passo para reconceituar a alfabetização é a aceitação das múltiplas funções que ele encontra em uma determinada atividade, que podem substituir a linguagem oral, tornando a comunicação possível, resolver um problema prático ou agir como auxílio mnemônico. Às vezes ele está fazendo tudo de uma vez, porque, como observam os autores, os alfabetização atua como evidência, como uma demonstração, como uma ameaça e como ritual (p. 119).

Kalman (2004, 2005), Heath (2004), Barton e Hamilton (2004), entre outros, se refere à alfabetização, reconhecendo que estudos desta começou nos Estados Unidos e na Inglaterra, ainda que no contexto latino-americano já foi crescendo . Nestes estudos para a alfabetização é reconhecido como formas ou usos sociais que são dadas a linguagem escrita ou, como chamado Heath (2004), eventos alfabetizados uma comunidade realiza ou ações.

Alfabetização é aprendido naturalmente, e como qualquer atividade humana é basicamente social e depende da interação com os outros. Além disso, ele percebe como um grupo de pessoas usam a leitura e a escrita na vida cotidiana (Barton e Hamilton, 2004, p. 109). Assim como as crianças aprendem suas práticas de cultura de assimilação natural do ambiente circundante, a alfabetização é assimilado ou adquire em espaços sociais onde os eventos advogados fazem sentido.

Principalmente nas práticas sociais de eventos advogados dois elementos Kalman (2004) menciona são necessários: a disponibilidade de alfabetização e de acessibilidade que tê-lo. A primeira está associada com a possibilidade de materiais de leitura, mas estes não são apenas úteis, mas também irá agradar e interesse de quem vai usá-los. Disponibilidade refere-se à presença física de materiais impressos e infra-estrutura para distribuição (bibliotecas, pontos de venda de livros, revistas, jornais, serviços postais, entre outros). Enquanto isso, a acessibilidade está associado a oportunidades de participar em eventos da língua escrita, situações em que a pessoa está posicionado com outros leitores e escritores, bem como as oportunidades e modalidades para aprender a ler e escrever (cfr. Kalman 2004, pp. 24-25).

As comunidades de prática e alfabetização na pré-escola

Nestas práticas de advogados eventos não só visto e share, mas também aprendi. Isso ocorre no que Wenger (2001) chama de comunidades de prática. Estes são espaços sociais onde as pessoas ou atores são desenvolvidas; não só eles aprendem, mas também interagir, resolver problemas e construir. comunidades categoria de prática, como a de alfabetização, tem suas origens na teoria social.

Ambas as categorias são mencionados porque eles são considerados ter muito em comum. Ambos surgem da teoria social, ambos os cenários dadas ou propícias para a interação de pessoas, mas também para aprender deles, e como sua essência é eminentemente social e cultural, em ambos os significados são construídos e significados são atribuídos.

Wenger diz que as comunidades de prática são dadas ou estão localizados em todas as áreas ou áreas sociais: família, escola, amigos, colegas, playtime, quando um serviço é fornecido, e assim por diante. Os envolvidos nestas comunidades de prática desenvolver identidades, fazendo-os sentir apego e considerado parte. No que diz respeito à categoria de alfabetização, presume-se que ele aparece nesses espaços sociais que podem ser consideradas comunidades de prática.

Ao combinar ou ligar ambas as categorias ênfase é colocada sobre as possibilidades oferecidas. Em comunidades de prática você aprende naturalmente eles desenvolvem habilidades na resolução de problemas, construir algo novo. No alfabetização também aprendem naturalmente quando advogados eventos em que participamos são observados, -pela problemas maneira, o conhecimento e uso dado às ferramentas de leitura e escrita pode dizer assim resolver e é construído quando tentamos nos comunicar com os outros através da palavra escrita. Deve ficar claro que as comunidades de prática são ambientes e espaços sociais, e que a alfabetização é uma atividade que surge em tais ambientes.

Nas crianças do jardim têm diferentes comunidades de prática: pode ser tudo em si ou cada um dos grupos que a compõem pré-escolar: o órgão acadêmico composto do principal e dos educadores, cada professor com grupo de estudantes, ou pais e seus filhos. Todos estes grupos compartilham objetivos e interesses comuns que eles, significados e ideais que unem unem. Em cada uma dessas comunidades de eventos prática ler ou escrever de acordo com a alfabetização compartilhada é ao vivo, chamado de alfabetização no pré-escolar.

Para trazer as crianças de alfabetização pré-escolar uma série de usos e práticas em torno da língua escrita é feita. Ele é escrito e lido de forma singular ou peculiar para as práticas em torno escritos com as crianças que não convencionalmente, mas cujo ambiente ou contexto sociocultural forneceu-lhes informações sobre o que é lido e escrito língua são executadas. Eles estão começando seu processo formal de alfabetização e agora são capazes de compreender os sinais gráfico-fônico que constituem palavras; e eles aprenderam que cada objeto, animal, evento, assunto, etc., tem o seu nome, agora começam a conhecer as letras que compõem cada um desses nomes. Daí a sua peculiaridade, por isso é chamado de alfabetização no pré-escolar.

Na alfabetização pré-escolar é necessário tranquilizar a criança a escrever, sem desqualificar o que ele faz, mas dando valor para interpretar corretamente o que foi construído. Ele também deve ser lido para eles e com eles, escrever para eles, mas, acima de tudo, incentivá-los a escrever e, em todos os momentos, respeitar o que eles reconhecem como a escrita, porque para as crianças esta produção que eles têm feito tem um significado ainda não escrever de maneira convencional.

Ferreiro (1997) menciona o "ambiente de alfabetização" como um espaço em que eles levaram a cabo actos de leitura e escrita para mostrar às crianças no contexto escolar, como são os usos

sociais da linguagem escrita. Atos de leitura e escrita ou eventos e práticas de letramento são considerados sinônimos, reconhecendo que o primeiro (Ferreiro, 1997) são atos de leitura e escrita, segundo (Heath, 2004) são eventos alfabetizados, (Barton e Hamilton, 2004) práticas letras ou de leitura e escrita eventos. esta clarificação é feita referência a eventos porque os eventos de leitura e escrita serão feitos nas seguintes áreas, portanto, reitera que são considerados sinônimos de actos e práticas de leitura e escrita.

Leitura eventos

A leitura é uma ação na qual o leitor põe em jogo uma série de habilidades que se desenvolveu através do seu ambiente de interação de pessoas próximas a ele, para participar de eventos e compartilhar histórias como um ator ou leitura receptor.

Que dão a sua opinião sobre o que é lido ou o que é necessário para ser um leitor, concorda que é um evento interativo que alguém faz em relação a outro. Que outro pode ser o autor do texto ou ler e partilhar com os outros o que você leu, de tal forma que a leitura e se relacionar aqueles que têm espaços sociais em que é partilhado e vidas.

Para começar como um leitor, eles sugerem Del Amo (2005, p. 35), Reyes (2003, pp. 39-37), Gonzalez (2007), abril (2003, pp. 13-14) e Hernandez (2005), não você só precisa interagir, mas também ser cercado por um ambiente de amor dedicada a crianças que começam a preparar, como os leitores, que estão começando a reconhecer em ler algo que é socialmente construído e utilizado. Lendo histórias -em parte dos pais, avós, tios ou irmãos mais velhos é uma forma carinhosa e eficaz para introduzir pré-escolares no mundo social da linguagem escrita.

Nas áreas onde é dado carinho e vidas todos os dias, não são apenas pequenos sinais de atenção e dedicação de seus entes queridos, mas também começar a reconhecer práticas relacionadas com o que Heath (2004, p. 145) chama de eventos alfabetizados . Na vida cotidiana leitura e escrita estão presentes em quase todas as atividades que fazemos todos os dias; não só é um livro, revista ou jornal, uma vez que a maioria dos objetos que usamos têm algo escrito alimentos -chamar, itens, brinquedo, ferramenta de comunicação eletrônico, ferramentas de auto limpeza. Todos ou quase todos, têm algo por escrito.

Nino e Bruner (1978) enfatizam o ato de reconhecer que a leitura de histórias para as crianças jovens a desenvolver neles a capacidade de nomear as coisas. No entanto, não devemos esquecer,

como Heath enfatiza que nem todos os pais ou mães ler histórias para crianças. Por exemplo, uma mãe de cultura hegemônica pode ler no seu pouco, porque ele sabe que é uma prática que benefícios; mas muitos pais não o fazem porque eles têm um hábito ou não conhecem os seus benefícios (cfr. Heath, 2004, p. 46).

Alfabetização na pré-escola promove a leitura de eventos com educadores organizadas para crianças, por exemplo, quando lêem em voz alta uma história ou quando solicitam a um membro da comunidade da família, pai, avô, delegar colocá-lo para fazer o mesmo. Pode ser também que a leitura é promovido em casa, por exemplo, o professor fornece histórias para crianças para levar para casa e que algum leitor competente para ler com eles. Ó filhos por imitação pegar um livro e tomar a posição do leitor, ou seja, segurar o livro com ambas as mãos, abra a página de seu interesse, andando com vista da esquerda para a direita e de cima para baixo, e verbalmente eles percebem que este texto fornece-los, mas não consegue ler maneira convencional. Estes e outros eventos fazem parte da literacia no pré-escolar.

Eventos de escrita

A escrita é um processo complexo que tem sido chamado de atividade intelectual mais exigente a ser mais difícil, porque requer combinando jogo diferente e conhecimentos variados, habilidades e atitudes. Conhecimento que é necessário saber regras ortográficas, escrita, semântica, e nutrida ter um vocabulário variado e ser consistente. Habilidades para colocar em jogo tal conhecimento para usá-los para comunicar ideias ou pensamentos. Atitudes porque ele deve refletir sobre por que escrever, por que e como, quando eu escrevo o que sinto, o que eu penso da escrita (Cassany de 2002, pp. 36-37).

Kalman (2004) enfatiza que a linguagem apropriada é deliberadamente usá-lo, mas que esta dotação principalmente a leitura é feito e do contexto familiar no qual ela é realizada. Ele afirma que o necessário "para participar em conversas sociais que vão além do espaço íntimo do indivíduo e sua família, em vários mediada fala da escrita" (Hernandez, 2005, p. 40-41).

A capacidade de comunicar ou expressar o que queremos através da escrita demandas têm conhecimentos, habilidades e atitudes. Como ele consegue um pré-escolar ou adultos analfabetos? Sem a pretensão de dar uma receita para aprender a escrever, Heath (2004) pensa que isto é conseguido naturalmente quando participando de eventos advogados. Isto é, os atos de leitura e escrita ocorrem em ambientes ou contextos de práticas ou atividades diárias.

No que diz respeito à ideia de histórias de leitura para crianças pequenas, Reyes (2003), Gonzalez (2007), Aranda (2000) e outros, mencionam que essa prática facilita a aprendizagem da escrita, como eles são quando lêem, eles estão vendo direcionalidade, sinais, gráficos começando a relacionar a sua regularidade: sempre que encontrar esses sinais agrupados vão, associado e saber que há vão diz.

Assim, a leitura e a escrita são processos que ocorrem em paralelo e inter-relacionados. "O exercício de escrever é prática entrecortada de ler para saber o que é dito, o que é comunicado, a intenção de escrever" (Sanchez, 2000, pp. 6-7).

Sobre a ideia de leitura e escrita associada com a alfabetização, Kalman diz: "Entendemos o desenvolvimento do conhecimento alfabetização e uso de escritos no mundo social e culturalmente válidas atividades de linguagem" (2005, p 20).. Ele ressalta que esta não é a concepção tradicional de aprender as noções básicas de leitura e escrita (correspondência entre letras e sons).

Quando as crianças são lidas em casa ou testemunhar esses atos de leitura ou escrita por seus parentes ou pessoas próximas a eles, eles começam a ganhar o conhecimento da língua escrita e construir hipóteses sobre ele. Ferreiro e Teberosky (1997) usaram a hipótese de categoria no objeto conceitual em construção, e Aranda (2000) chamou de erros construtivos. Ambos referem-se a fatos semelhantes: as crianças começam a formar ideias sobre o que é lido ou escrito. Ao avaliar as regularidades da língua escrita, eles fazem conjecturas são confirmadas ou corrigidas. Eles fazem isso quando alguém corrige ou confirma-los em sua abordagem para o que eles acreditam que não dizer ou escrever bem. Isso é o acompanhamento ou cuidados que você pode oferecer para aqueles que estão começando no seu caminho como leitores e escritores, no processo de construção de alfabetização como um objeto conceitual.

No entanto, Ferreiro e Teberosky alertar os pais e educadores de escolas que se tentarem ou apressar para fazer as crianças aprendem a ler e escrever de uma forma convencional, diga-lhes o que as letras e como eles som quando combinados, será estragar os seus processos de construção em vez de abrir o caminho para a sua aprendizagem. Além disso, eles inibem o uso social que faz dela, incentivando-os a tornar-se analfabetos secundários, ou seja, aqueles capazes de decodificar o que está escrito, mas não conseguem entender o que você diz e menos ainda para uso social da leitura e escrita.

Lerner (2001) também adverte que este problema começa a propiciar ou detonar na escola. É onde você aprender a ler e escrever, mas para cumprir tarefas ou exigências escolares, para não usar as duas ferramentas em ambientes sociais, na vida cotidiana, para resolver problemas ou simplesmente para expressar ou comunicar com os outros.

Quando adultos, ou aqueles que o fazem convencionalmente, use a escrita e a leitura regularmente no que tem sido chamado de eventos literatos, e estes são testemunhados por aqueles que começam a se envolver ou saber o que é a ler e escrever, é propício para a reconhecido como uma ferramenta para agir e função em diferentes contextos sociais. Dessa forma, evita que o analfabetismo secundário ocorra porque de acordo com Heath (2004, pp 143-144.) "Por práticas de assimilação da cultura de aprendizagem". Em ambientes familiares onde um uso comum, variada e diária de ambas as ferramentas é mais provável que os indivíduos que não só resolver a lição de casa, mas como mencionado Hernandez, que podem identificar-se como alto-falantes e escritores legítimos e autorizados para formar a participar nas instituições políticas, culturais e educacionais da sociedade (2005, pp. 40-41).

Escrevendo eventos que incentivam os educadores para pré-escolares são, por exemplo: elas ditam, educadores escrever em um quadro branco ou em algum lugar visível para todo o espaço; pais adotivos escrever o que as crianças disserem sobre o que eles aprenderam na escola ou ajudá-los a escrever o que eles querem se comunicar; revisitos ou analisados vários portadores de texto-cartas, mensagens, prescrições ou cozinhar, histórias, lendas, entre outros, e as crianças escrever alguns que são de interesse; ou escrever seu próprio nome e aprender a escrever alguns companheiros. Estes são, entre outros, os vários eventos e escrita para pré-escolares que fazem parte da alfabetização no pré-escolar.

Conclusão

- Os pré-escolares que estão na fase pré-operatória que chamou de Jean Piaget, têm a oportunidade de desenvolver a função semiótica, isto é, para representar por sinais. Isso faz com que são capazes de aprender as ferramentas de comunicação de leitura e escrita.
- crianças pré-escolares de terceira série estão começando ou consolidação de seu processo de alfabetização. Educadores realizar várias ações ou atividades para trazê-los para a alfabetização. Entre essas histórias são leitura, escrita na placa branca ou em um cartaz idéias ou opiniões de que as crianças expressem sobre algo, ensinar a todos para

escribir su propio nombre, sea diferente del texto transportadoras (carta, instrucciones, receta convite etc.), cada grabación día con ellos y para ellos data; la adopción que los padres hacen para sus hijos o escribir con ellos. Todas estas acciones son moldeadas por la alfabetización en la pre-escuela, porque cada una es realizada teniendo en mente que los niños pre-escolares no leer o escribir de una forma convencional, pero se presume que ellos aprenderán a leer y escribir gracias a todas las actividades que los alfabetizados desarrollan para ellos, además de observar el uso social de la lectura y la escritura.

- Los eventos promovidos que están ocurriendo en la alfabetización en la pre-escuela, y son enmarcados en la misma, incentivar a los niños en proceso de alfabetización pre-escolar. Leer historias que son de su agrado es un medio ideal de alcanzar este objetivo.

Bibliografía

- Abril, P. (2003). La literatura infantil desde antes de la cuna, México: CONACULTA, Colección Lecturas sobre lecturas, Vol. V.
- Aranda, G. (2000). El pensamiento del niño que inicia su aprendizaje escolar de la lengua escrita, México: SEP, Libros del Rincón.
- Barton, D., y Hamilton, M. (2004). “La literacidad entendida como una práctica social”, en: Virginia Zavala, Mercedes Niño-Murcia y Patricia Ames (Edits.), Escritura y sociedad. Nuevas perspectivas teóricas y etnográficas, Lima, Perú: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú.
- Cassany, D. (2002). La cocina de la escritura, México: Anagrama, SEP.
- Del Amo, M. (2005). La narración oral y la lectura en voz alta como técnica de animación a la lectura, México: CONACULTA, Colección Lecturas sobre lecturas, Vol. XIII.
- Ferreiro, E. (coord.), (1989/2007). Los hijos del analfabetismo, propuestas para la alfabetización en América Latina. México: Siglo XXI.
- Ferreiro, E. (1997). Alfabetización. Teoría y práctica, México: Siglo XXI.
- Ferreiro, E. (1999/2004). Vigencia de Jean Piaget, México: Siglo XXI.
- Ferreiro, E. y Teberosky, A. (1979). Los sistemas de escritura en el desarrollo del niño, México: Siglo XXI.
- Gómez, M. et al. (1997). La lectura en la escuela, México: SEP Biblioteca para la actualización de los maestros.

- González, J. (2007). Las narraciones en el aula de preescolar, Aguascalientes, México: COMIE, ponencia presentada en el IX Congreso Mexicano de Investigación Educativa.
- Heath, S. (2004). “El valor de la lectura de cuentos infantiles a la hora de dormir: habilidades narrativas en el hogar y en la escuela”, en: Virginia Zavala, Mercedes Niño-Murcia y Patricia Ames (Edits.), *Escritura y sociedad. Nuevas perspectivas teóricas y etnográficas*, Lima, Perú: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú.
- Hernández, G. (2005). *Pobres pero leído. La familia (marginada) y la lectura en México*, México: CONACULTA, Colección Lecturas sobre lecturas, Vol. XIV.
- Hernández, G. et al. (2012). *Pensamiento crítico y literacidad académica en la UAM Cuajimalpa: Perspectivas docentes*, Ponencia presentada en el Evento de la Red Cultura Escrita y Comunidades Discursivas: México: Instituto Tecnológico Autónomo de México ITAM.
- Kalman, J. (2005). *El origen de la palabra propia*, México: CONACULTA, Colección Lecturas sobre lecturas, Vol. XIV.
- Kalman, J. (2004). *Saber lo que es la letra. Una experiencia de lectoescritura con mujeres de Mixquic*, México: Siglo XXI. Consultado el 10 de noviembre de 2013, <http://unesco.org/images/0014/001494/149457so.pdf>
- Lerner, D. (2001). *Leer y escribir en la escuela. Lo real, lo posible, lo necesario*, México: SEP Biblioteca para la actualización del maestro.
- Piaget, J. (1969/2008). *Biología y conocimiento*, España: Siglo XXI.
- Piaget, J. (1972/1980). *Problemas de psicología genética*. Trad. Miguel A. Quintana y Ana Ma. Tizón, Barcelona, España: Ariel.
- Piaget, J., e Inhelder, B. (1969/2007). *Psicología del niño*, España: Morata.
- Reyes, Y. (2003). *Yo no leo, alguien me lee... me descifra y escribe en mí. La bebeteca, relato de una experiencia de lectura en la primera infancia, desarrollada en Espantapájaros*, Taller, México: CONACULTA, Colección Lecturas sobre lecturas, Vol. V.
- Sánchez, M. (2000). *La apropiación de la lecto-escritura en un contexto otomí*, México: SEP, Libros del Rincón.
- Wenger, E. (2001). *Comunidades de práctica. Aprendizaje, significado e identidad*, Barcelona, España: Paidós.
- Zavala, V. et al. (2004). *Escritura y sociedad. Nuevas perspectivas teóricas y etnográficas*, Lima, Perú: Red para el Desarrollo de las Ciencias Sociales en el Perú.